

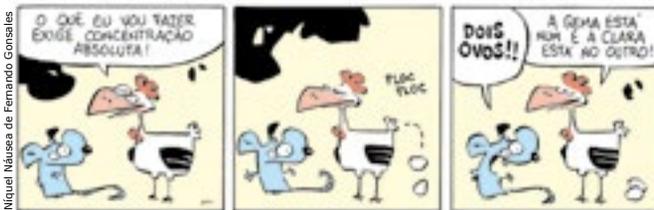
A Língua em Uso: Variação Linguística e Acentuação

FALA E ESCRITA



Fala e escrita são atividades que se complementam no exercício da comunicação, no entanto devem-se evitar algumas confusões. Por exemplo, numa vertente mais tradicional da concepção linguística, é comum limitar a língua à manifestação escrita. Todavia, a escrita, tal qual a fala, é uma forma de a língua se manifestar. Em outras palavras, a Língua Portuguesa manifesta-se na fala e na escrita, com as particularidades desses registros. E, assim, esses dois registros complementam-se e, conseqüentemente, enriquecem a comunicação.

A escrita caracteriza-se por ser uma comunicação planejada, sujeita a regras, a um rigor disciplinar maior, pois não conta com os recursos da fala, que, por sua vez, marca-se pela espontaneidade, pelo não planejamento, e vale-se de repetições, entonações, fisionomias, mímicas, etc.



Nessa tirinha, o texto verbal tenta reproduzir a fala. O ponto de exclamação no primeiro quadrinho reproduz a entonação com que a galinha emite o enunciado; a dupla exclamação junto à escrita em negrito em “dois ovos” sinaliza a admiração do rato perante o feito da galinha. Nas narrações, os autores valem-se de recursos da língua, além de expedientes gráficos, para simular uma situação de fala.

Esses dois conceitos já são suficientes para se entender que a língua é viva e dinâmica, pois apresenta como uma faculdade o poder de variar, de modificar-se conforme alteração de contextos de comunicação. Essas mudanças na língua são estudadas pela variação linguística.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA



A variação linguística é um assunto de inquestionável importância no ensino de Língua Portuguesa. Isso porque sua concepção de língua é social e inclusiva, ou seja, a variação linguística entende que o português são vários, que não existe uma forma melhor e outra pior de falar, mas sim variedades linguísticas que colaboram para a riqueza do idioma brasileiro. Essas variações estão condicionadas a fatores sociais, históricos, regionais, educacionais e, também, ao tipo de público-alvo ao qual se dirige, ao contexto de comunicação, entre outros.

Compreender que a língua muda e adapta-se a diferentes contextos desconstrói a concepção de que existe um português certo e outro errado e leva à consciência de que a ideia de certo-errado deve ser substituída por adequado-inadequado. O linguista Marcos Bagno compara a língua a um guarda-roupa em que existem várias peças, as quais são escolhidas de acordo com a situação social de uso. Para ir à praia, escolhem-se trajes de banho, por exemplo; para ir a uma entrevista de emprego, uma peça mais formal. Assim também é o português em suas múltiplas variedades. Se o momento é mais íntimo e descontraído, dispensa-se o rigor prescrito pela gramática tradicional; se o momento é solene, resgata-se a norma culta.

Essa concepção de língua é determinante para superar o **preconceito linguístico** outrora construído pela própria escola e disseminado pelos diferentes meios de comunicação. O preconceito linguístico ocorre quando há a supervalorização de uma variante linguística em detrimento de outra, e essa desvalorização acaba sendo estendida ao falante. A sociedade discrimina a forma de expressar que destoa daquela prevista pela norma-padrão. Isso é contraditório, pois, majoritariamente, o brasileiro se comunica no registro informal, e todos, de certa maneira, cometem desvios. O preconceito acaba mirando os que já sofrem outras exclusões, como a econômico-educacional. Não se deve, de forma alguma, discriminar o indivíduo pela forma com que ele expressa o português. Quaisquer formas de preconceito devem ser rechaçadas.

Para entender o preconceito linguístico e os mitos que o sustentam, segue um trecho do livro *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*¹, em que o autor Marcos Bagno analisa oito mitos muito pertinentes sobre o preconceito linguístico, a saber:

Mito nº 1 – “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”: o autor aborda a unidade linguística e as variações que existem dentro do território brasileiro.

Mito nº 2 – “Brasileiro não sabe português” / “Só em Portugal se fala bem português”: apresenta as diferenças entre o português falado no Brasil e em Portugal, este último considerado superior e mais “correto”.

Mito nº 3 – “Português é muito difícil”: baseado em argumentos sobre a gramática normativa da Língua Portuguesa ensinada em Portugal e suas diferenças entre falar e escrever dos brasileiros.

Mito nº 4 – “As pessoas sem instrução falam tudo errado”: preconceito gerado por pessoas que têm um baixo nível de escolaridade. Bagno defende essas variantes da língua e analisa o preconceito linguístico e social gerado pela diferença da língua falada e da norma-padrão.

Mito nº 5 – “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”: mito criado em torno desse estado, o qual é considerado por muitos o português mais correto, melhor e mais bonito, posto que está intimamente relacionado com o português de Portugal e o uso do pronome “tu” com a conjugação correta do verbo: tu vais, tu queres, etc.

Mito nº 6 – “O certo é falar assim porque se escreve assim”: aqui o autor apresenta diferenças entre as diversas variantes no Brasil e a utilização da linguagem formal (cult) e informal (coloquial).

Mito nº 7 – “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”: aborda o fenômeno da variação linguística e a subordinação da língua à norma culta. Para ele, a gramática normativa passou a ser um instrumento de poder e de controle.

Mito nº 8 – “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”: decorrente das desigualdades sociais e das diferenças das variações em determinadas classes sociais. Assim, as variedades linguísticas que não são padrão da língua são consideradas inferiores.

¹ BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2007.



Calvin & Hobbes, Bill Watterson © 1992 Watterson / Dist. by Andrews McMeel Syndication

Nesse quadrinho, observa-se que a norma culta pode também tornar-se inadequada quando usada num contexto em que a informalidade é o registro pertinente. O discurso extremamente solene entre Calvin e sua mãe causa um estranhamento, pois retira a atmosfera de intimidade esperada numa comunicação cotidiana entre pais e filhos. Não existe um erro, mas sim uma inadequação na fala das personagens. A adequação só é retomada no último quadro, quando Calvin se vale de uma **linguagem coloquial** (cotidiana, íntima), demarcada, por exemplo, no verbo “tem (ter)” no lugar do verbo “haver” ou “existir”, no uso do pronome “onde” para retomar um lugar que não seja físico e na expressão “que nem” como conector comparativo. Esses termos todos pertencem ao registro da oralidade e distanciam-se das prescrições da gramática tradicional. Quando essas marcas do registro oral aparecem em textos escritos, tem-se o que se chama de **marcas de oralidade**. Lembre-se de que linguagem coloquial nem sempre é, necessariamente, desvio da norma-padrão; isso porque, por exemplo, uma linguagem com um vocabulário mais simples, ou com carga afetiva, também pode ser coloquial e, ao mesmo tempo, estar dentro das regras da gramática tradicional, por exemplo, no que concerne à ortografia, à regência e às concordâncias verbais e nominais.

Níveis de variação linguística

Os níveis de variação revelam ao falante as modificações ocorridas na língua, ou seja, o falante percebe diferenças no idioma por meio de manifestações na pronúncia das palavras, na estruturação de frases e flexões no vocabulário e no significado de expressões, termos, palavras. Assim os níveis de variação categorizam-se em **fonético**, **morfossintático** e **léxico-semântico**.

O nível fonológico refere-se à forma de pronunciar as palavras. Um exemplo é o fato de, no estado do Rio de Janeiro, bem como em alguns estados do Norte e do Nordeste, os nativos pronunciarem o “s” em final de palavra qual fosse um “x”. Outro exemplo é o do mineiro do centro do estado, que tende a não pronunciar a palavra inteira; no gerúndio, por exemplo, pronunciam a palavra sem a consoante da última sílaba (cantando vira “cantano”; fazendo vira “fazeno”, etc.).

O nível morfossintático se manifesta na observância e na inobservância das regras prescritas pela gramática normativa para a modalidade culta e na forma de flexionar palavras e estruturar frases. Aqui se encaixam, por exemplo, os desvios de concordância e de regência; também a escolha de algumas estruturas – no Brasil, prefere-se o gerúndio (“estamos fazendo”); em Portugal, opta-se pelo infinitivo (“estamos a fazer”) –; algumas regiões do país usam “tu”; outras, “você”.

O nível léxico-semântico evidencia que vocábulos diferentes, em regiões diferentes, assumem significados iguais, como ocorre com “mandioca”, “aipim” e “macaxeira”. Ou seja, esse nível está ligado ao sentido construído a partir das expressões e do aparato linguístico do falante.

Tipos de variedade linguística

A variedade linguística, lembrando, é o nome dado às diferentes formas de se falar um mesmo idioma. Essas diferentes maneiras podem vir a existir motivadamente por fatores externos ao falante, como seu contexto sociocultural, ou pela vontade do falante, como a necessidade de adequar a fala a um contexto.

Essas duas possibilidades levam a dois conceitos importantes, o dialeto e o registro. O dialeto é, então, a variação decorrente de fatores que fazem parte da cultura, da identidade do falante, como espaço geográfico, idade, sexo, escolaridade. Ou seja, o falante não escolhe sua fala, mas o meio o condiciona a expressar-se numa variante específica. O mineiro, por exemplo, não escolhe falar a palavra pela metade; é a cultura linguística da região que condiciona o mineiro a tal forma de expressão. O registro, por sua vez, é uma opção do falante, é uma escolha consciente de como se expressar para adequar-se ao contexto comunicativo: se vai, por exemplo, comunicar-se com jovens ou com adultos, se é um bate-papo em um bar ou se é uma reunião no local de trabalho. O dialeto leva ao tipo de **variação dialetal**; o registro leva ao tipo de **variação estilística (de estilo)**.

As variações de estilo ou de situação

De maneira geral, as situações de comunicação se dividem em formais e informais; há casos, entretanto, em que a formalidade se mistura à informalidade, numa espécie de semiformalidade. Um contexto formal e um contexto informal existem tanto no registro escrito quanto no falado. Um discurso de posse, por exemplo, é um gênero para a fala, porém segue um rigor da formalidade prevista pela gramática tradicional. Um bilhete, por sua vez, é um gênero escrito, mas orienta-se pela linguagem íntima, informal. As situações formais, então, dialogam com contextos solenes, que tendem a revelar uma falta de proximidade entre os interlocutores. Por conseguinte, as situações informais são coerentes com universos em que há, de alguma forma, proximidade entre os interlocutores.

Percebe-se, por isso, que, nas variações de estilo ou situação, há uma consciência do falante, ou seja, o usuário do idioma seleciona a variante de acordo com a intenção sociocomunicativa. Um mesmo professor, por exemplo, ao lecionar no Ensino Médio e ao lecionar no Ensino Fundamental, vai acionar estruturas sintáticas e vocabulário diferentes para se adaptar a esses diferentes estudantes.



O humor nessa tirinha de Fernando Gonsales instaurou-se pela convivência entre a formalidade e a informalidade. A personagem de óculos representa um contexto formal, marcado pelo visual – os óculos – e, sobretudo, pela linguagem formal, exposta, por exemplo, pelo vocábulo “conjectura”. As demais personagens acionam o campo informal ao reproduzirem uma gíria “fala sério”, que remete a uma admiração, como se fosse uma interjeição de “espanto”. Porém, a personagem intelectual a interpreta denotativamente, como se as demais personagens pedissem para ela falar com seriedade. Desse desencontro constrói-se o humor.

As variações dialetais

Varição regional: Esse tipo de variação decorre das diferenças regionais que compõem o território brasileiro. Tais diferenças estão relacionadas à cultura e às especificidades de cada região; envolvem, por exemplo, vocabulários e expressões específicas, como o “uai” mineiro e o “oxente” pernambucano. O sotaque é o que mais identifica um regionalismo no Brasil.



Nessa publicidade, a empresa aposta na aproximação afetiva entre produto e público-alvo. O regionalismo “guria” seleciona o paranaense como alvo, buscando criar uma identidade entre a bebida e o Paraná. Entende-se, pela expressão “o sabor daqui desde sempre”, que se trata de um refrigerante regional.



Já nessa campanha publicitária, o restaurante de Manaus explora o regionalismo para criar laços identitários com o manauara. A expressão “Ê, caroço”, acionada para rimar com “almoço”, sobrevive a gerações e é usada quando alguém escapa por pouco de uma situação complicada ou toma um susto.

Varição histórica: Essa variação revela mudanças diacrônicas no idioma, isto é, a língua modifica-se com o passar do tempo. Mudanças tais proporcionadas, por exemplo, pelo contato com outras línguas ou pelas transformações culturais por que passam o país. Falar que uma língua muda no tempo é dizer, também, que palavras e expressões deixam de ser usadas, no caso dos **arcaísmos**, e outras novas surgem, são criadas, como no caso dos **neologismos**. A alteração ortográfica de 2009, a saber, tornou o trema um sinal arcaico no idioma, bem como a grafia de algumas palavras, como “auto-escola” hifenizada. O mundo virtual, por sua vez, promovido pela ascensão da Internet e das redes sociais, trouxe novas palavras para a língua, a exemplo de “deletar” e “mouse”.

No poema a seguir, que elogia a Língua Portuguesa, as palavras em destaque evidenciam arcaísmos, pois não mais são usadas na língua; compõem o léxico histórico do português.

Língua Portuguesa

Última flor do Lácio, inculca e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na **ganga** impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto **clangor**, lira singela,
Que tens o **trom** e o **silvo** da **procela**,
E o **arrollo** da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

em que da voz materna ouvi: “meu filho!”,
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

BILAC, Olavo. *Poesias*. Livraria Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1964. p. 262.

Ganga: mineral

Clangor: estridente, som forte

Trom: canhão

Silvo: assobio

Procela: tumulto, rebelião, agitação

Arrollo: canto para adormecer crianças

Neste cartaz, por sinal bizarro perante a cultura legislativa atual – associa cerveja à criança –, encontram-se arcaísmos ortográficos em “creanças” e em “pallidez”.



A seguir, na letra da música “Esteticar”, de Tom Zé, apresentam-se neologismos.

Esteticar

Pense que eu sou um caboclo tolo boboca

Um tipo de mico cabeça-oca

Raquítico típico jeca-tatu

Um mero número zero um zé à esquerda

Pateta patético lesma lerda

Autômato pato panaca jacu

Penso dispenso a mula da sua ótica

Ora vá me lamber tradução inter-semiótica

Se segura milord aí que o mulato baião

(tá se blacktaiando)

Smoka-se todo na estética do arrastão

Ca esteti ca estetu

Ca esteti ca estetu

Ca esteti ca estetu

Ca esteti ca estetu

Ca estética do plágio-iê

[...]

ZÉ, Tom; BARRETO, Vicente; RENNÓ, Carlos. Esteticar. In: *Com defeito de fabricação*. CD. WEA, 1998.

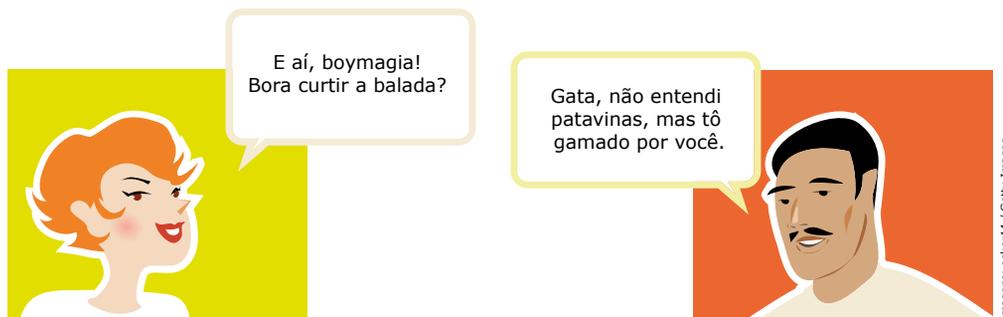
Esses versos, riquíssimos em estética, tematizam o encontro entre culturas diferentes e o processo de influência de uma em outra. Esse jogo de interferências e de trocas culturais fica evidente na relação entre o título “Esteticar” e os versos “ca esteti ca estatu”, que propõem uma decomposição da palavra, remetendo ao ritmo, por exemplo, o baião; também, ao separar as sílabas, percebe-se que o verbo “esteticar”, que titula o texto, deriva, por neologismo, do substantivo “estética”, decomposto nos versos – uma espécie de estética do esteticar, ou esteticar a estética. Ou seja, o encontro de estéticas (culturas) diferentes “estética” (cria, amplia, enriquece, apropria, adapta) novas culturas. Como endosso disso, os neologismos “blacktaiando” e “smoka-se” – verbos formados a partir dos substantivos “black-tie” e “smoking”, roupas sociais e formais – evidenciam o processo de interferência cultural. Isto é, o caboclo usando trajes clássicos e típicos de uma cultura estrangeira e formal. O neologismo “blacktaiando” aparece justamente em forma verbal de gerúndio para demarcar um processo, o acontecimento do fato. Obviamente, a roupa é apenas uma metáfora que representa um processo que se dá em âmbitos maiores, e não somente na forma de se vestir. Outro jogo estético muito explorado nos versos são as aliterações, as quais criam um efeito de eco – a repetição de algumas consoantes nos versos promove ecos, como se uma cultura se formasse dos “ecos”, das influências, de outras. Um desses “ecos”, inclusive, é a presença do inglês entremeadado ao português; e variedades linguísticas que convivem nos versos (gírias, regionalismos e norma-padrão).

Varição social: A variação social expõe a que grupo social pertence o indivíduo. Nesse tipo de variedade, deflagra-se a faixa etária, o perfil profissional, o nível de escolaridade, entre outros. Nesse campo, vale destacar o conceito de **gíria** e o de **jargão**. O primeiro remete a uma linguagem jovem, pois geralmente a gíria surge entre a juventude; o segundo está ligado a uma linguagem técnica, científica, por identificar a profissão ou grupo profissional de um indivíduo. A famigerada forma de se comunicar do Judiciário brasileiro é um exemplo de jargão, como ilustrado no texto a seguir:



Para leigos na linguagem jurídica, é necessário traduzir o texto: “Não havendo lei, o juiz deve usar a analogia para julgar o caso”.

O texto a seguir apresenta gírias de épocas diferentes e que mostram, portanto, gerações diferentes.



A figura feminina representa uma juventude atual, contemporânea, usuária dos termos “bora”, “balada”, “boymagia”; a figura masculina representa uma juventude do passado, de outra época, ao usar gírias arcaicas no português, por exemplo, “patavinas” e “gamado”. A expressão “boymagia” é exemplo de variação social em diferentes âmbitos, pois remete à faixa etária, bem como a grupos LGBTQIA+. A expressão ainda pode ser exemplo de uma variação histórica, por tratar-se de um neologismo na língua.

20 de julho de 1955

Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei. [...] Fui no Arnaldo buscar o leite e o pão. Quando retornava encontrei o senhor Ismael com uma faca de 30 centímetros mais ou menos. Disse-me que estava a espera do Binidito e do Miguel para matá-los, que êles lhe expancaram quando êle estava embriagado.

Lhe aconselhei a não brigar, que o crime não trás vantagens a ninguém, apenas deturpa a vida. Senti o cheiro do alcool, disisti. Sei que os ébrios não atende. O senhor Ismael quando não está alcoolizado demonstra sua sapiencia. Já foi telegrafista. E do Circulo Exoterico. Tem conhecimentos bíblicos, gosta de dar conselhos. Mas não tem valor. Deixou o alcool lhe dominar, embora seus conselho seja util para os que gostam de levar vida decente.

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, 2014. [Fragmento]

O excerto lido é da obra *Quarto de despejo*, publicado em 1960, de Carolina Maria de Jesus, moradora da favela do Canindé, em São Paulo, catadora de lixo e mãe de três filhos. Apesar de ter vivido numa realidade social de pouca escolaridade, isso não a impediu de se tornar uma escritora importante para a literatura brasileira, sobretudo porque focaliza uma representatividade para um público marginalizado socioeconomicamente. No texto, percebem-se desvios do padrão normativo da língua, marcados, por exemplo, pela falta de acentuação gráfica em palavras como “álcool”, “centímetros”, “sapiencia”, bem como pelos equívocos ortográficos nas palavras “expancaram” (espancaram), “disisti” (desisti), “trás (quando deveria ser “traz”, do verbo “trazer”). Há, também, desvios de concordância, como em “seus conselho seja útil”. Esse fragmento, assim como a obra completa, expõe os hiatos socioeducacionais e econômicos da sociedade brasileira, pois é exemplo de variante linguística pertencente ao mundo dos excluídos da educação, que não deixam, também, de estarem excluídos do poder econômico do país. A variedade social exposta pela pouca escolarização aponta mais que um problema de língua, denuncia um problema político, social e econômico. São indivíduos que devem ser acolhidos, e não achincalhados pelo preconceito linguístico.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Após observar a escrita de Carolina Maria de Jesus e sua linguagem marcada por transgressões ortográficas, você verá regras de acentuação gráfica previstas pela gramática tradicional da Língua Portuguesa.

Antes de tudo, é importante destacar que todas as palavras da Língua Portuguesa são acentuadas tonicamente, mas que nem todos os acentos tônicos são marcados por um sinal gráfico. O acento tônico diz respeito à sílaba pronunciada com mais intensidade, com mais “força”. Algumas palavras terão essa tonicidade assinalada pelo sinal gráfico agudo (´) ou pelo circunflexo (^). É a presença, a ausência e o deslocamento do acento que criam três palavras diferentes e pertencentes a três diferentes classes de palavras em “**sáb**ia”, “**sab**ia” e “**sabiá**” – adjetivo, verbo e substantivo, respectivamente. É o deslocamento da tonicidade que cria novas palavras. A presença do acento num momento e a ausência noutra dispensam o contexto para a compreensão do significado do vocábulo, enriquecendo o léxico e dinamizando o idioma.

Antes de passar às regras, revisam-se os conceitos de monossílabos, oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos. Em ordem: uma sílaba, última sílaba tônica, penúltima sílaba tônica e antepenúltima sílaba tônica.

As regras básicas

Monossílabos: Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em “a”, “e” ou “o” e o plural dessas terminações; para isso, deve-se preservar o som, a pronúncia “é ou ê”, “ó ou ô”. Observe que, em algumas situações, o monossílabo é, na verdade, a contração de uma preposição com o artigo, como em “da” (de + a), e “no” (em + o). Nesses casos, não há tonicidade.

“Má”, “pé” e “pó” são exemplos de monossílabos tônicos acentuados.

Atenção: A explicação a seguir ajuda a entender por que ora alguns monossílabos são acentuados, ora não, pois são, na verdade, palavras com sentidos estruturas diferentes.

Observe as palavras “do” e “dó”. A primeira não é acentuada, pois é a contração da preposição “de” com o artigo “o”, sem tonicidade própria; a segunda remete tanto ao substantivo feminino a “dó” – quando se tratar da nota musical –, quanto ao substantivo masculino, quando se tratar do sentimento de dó – ter um dó de alguém.

Outros exemplos: nó (substantivo), no (contração de em + o)

Infere-se que monossílabos átonos, os que não são acentuados, são palavras vazias de sentido, ou seja, o sentido vai estar no contexto e no referente dessas palavras; é o que ocorre com os artigos, com os pronomes oblíquos, com as conjunções e com as preposições (os, a, um, me, te, se, lhe, que nos, de, em, e, que, etc.).

Oxítonos: Acentuam-se as palavras terminadas em “a”, “e”, “o”, “em” e o plural dessas terminações – “as”, “es”, “os”, “ens”.

Exemplos: vatapá, café, Canindé, cipó, tricô, reféns, aquém.

Atente para as formas verbais que perdem o “r”, “s” ou “z” para o “l” acoplar-se aos pronomes oblíquos “o” ou “a”:
“Abraça-lo”, “fazê-lo”, “fê-lo”.

Paroxítonos: São acentuados quando a última sílaba terminar com: “l”, “n”, “r”, “x”, “i”, “us”, “um (uns)”, “ã (ãs)”, “ão (ãos)”, “om (ons)”, “ps” e ditongo. Por existirem em maior quantidade na língua, exigem mais regras para diferenciação.

Exemplos: notável, hífen, repórter, tórax, táxi, bônus, fórum, ímã, órgão, iândom, íons, bíceps, água.

Observação: Para facilitar a acentuação das paroxítonas, basta observar a regras das oxítonas. A regra que permite acentuar as oxítonas impede de acentuar as paroxítonas. Ou seja, não se acentuam paroxítonas terminadas em “a, e, o, em, as, es, os, ens”; mas se acentuam nas demais terminações. “Hífen”, por exemplo, recebe acento porque termina em “n”; o plural “hifens”, por sua vez, não recebe acento porque coincide com a terminação “ens” que pede acento nas oxítonas.

Proparoxítonas: Todas devem ser acentuadas.

Exemplos: trágico, próximo, trânsito, efêmero, traumático.

Casos especiais

1. As letras “i” e “u” em hiatos (admite-se o “s”)

São acentuadas quando forem tônicas; ao mesmo tempo, devem estar sozinhas na sílaba. Ademais, não podem estar precedidas de sílabas formadas de ditongo ou sucedidas de “nh”.

Exemplos: Baú (ba-ú), arcaísmo (ar-ca-ís-mo).

Observação: “juiz” não recebe acento, pois o “z” acompanha o hiato “i”; já “juízes” recebe acento, pois o “i” em hiato está isolado na sílaba. Isso justifica o fato de “Luiz” não ter acento e “Luís” receber acento. Em rainha, por exemplo, o “nh” nasaliza o “i” e retira o acento.

2. Os ditongos abertos “ei”, “eu”, “oi”

São acentuados em palavras oxítonas.

Exemplos: Fiéis, réu, rói, corrói.

Lembre-se de que “assembleia”, “ideia”, “jiboia” não recebem acento porque são paroxítonas que apresentam ditongos abertos.

3. Acentos diferenciais

Obrigatórios:

- Para diferenciar “pôde” (passado) de “pode” (presente).

Ele não **pôde** viajar ontem, mas **pode** hoje.

- Para diferenciar “têm” (plural) de “tem” (singular).

Os alunos **têm** dificuldade em gramática, mas o alunado em geral **tem** mais dificuldade ainda em interpretação de textos.

- Para diferenciar “vêm” (plural) de “vem” (singular).

Eles **vêm** do sul do estado, mas ele **vem** do norte.

- Para diferenciar “pôr” (verbo) de “por” (preposição).

Pôr sal na comida é um cuidado para hipertensos, **por** motivos dos problemas à circulação gerados pelo sal.

Facultativo:

- “Fôrma”, o substantivo; “forma”, substantivo ou verbo.

Pegue sua **forma** / **fôrma** para preparar o bolo.



EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (UFU-MG-2018)

TONHO: Não é medo. É que posso evitar encrenra. Falo com o negrão e acerto os ponteiros. Poxa, se eu faço uma besteira qualquer, minha mãe é que sofre. Ela já chorou paca no dia que saí de casa.

PACO: Vai me enganar que você tem casa?

TONHO: Claro, como todo mundo.

PACO: Então, que veio fazer aqui? Só encher o saco dos outros? Poxa, fica lá na sua casa.

TONHO: Eu bem que queria ficar. Mas minha cidade não tem emprego. Quem quer ser alguma coisa na vida tem que sair de lá. Foi o que fiz. Quando acabei o exército, vim pra cá. Papai não pode me ajudar...

MARCOS, Plínio. *Dois perdidos numa noite suja*. São Paulo: Global, 2003. p. 80.

O fragmento pertence a *Dois perdidos numa noite suja*, peça teatral de Plínio Marcos.

Considerando-se o diálogo estabelecido entre as personagens,

- A) reescreva a primeira fala de Tonho, adequando-a a uma situação comunicativa mais formal.
- B) transponha a última fala de Tonho para o discurso indireto.

02. (FUVEST-SP-2018) Leia o texto e responda ao que se pede.

– É por isso que faço confiança nos angolanos. São uns confucionistas, mas todos esquecem as makas* e os rancores para salvar um companheiro em perigo. É esse o mérito do Movimento, ter conseguido o milagre de começar a transformar os homens. Mais uma geração e o angolano será um homem novo. O que é preciso é ação.

PEPETELA. *Mayombe*.

*"makas": questões, conflitos.

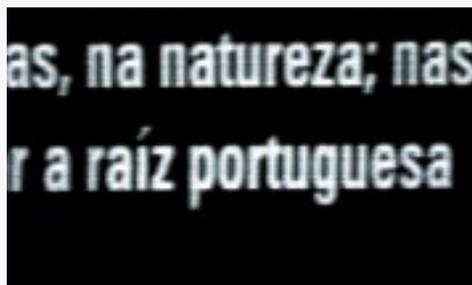
- A) A fala de Comandante Sem Medo alude a uma questão central do romance *Mayombe*: um objetivo político a ser conquistado por meio do Movimento. Qual é esse objetivo?
- B) As "makas" e os "rancores" dos angolanos repercutem no modo como o romance é narrado? Explique.

03. (FUVEST-SP) A correção da língua é um artificialismo, continuei episcopalmente. O natural é a incorreção. Note que a gramática só se atreve a meter o bico quando escrevemos. Quando falamos, afasta-se para longe, de orelhas murchas.

LOBATO, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*.

- A) Tendo em vista a opinião do autor do texto, pode-se concluir corretamente que a língua falada é desprovida de regras? Explique sucintamente.
- B) Entre a palavra "episcopalmente" e as expressões "meter o bico" e "de orelhas murchas", dá-se um contraste de variedades linguísticas. Substitua as expressões coloquiais, que aí aparecem, por outras equivalentes, que pertençam à variedade padrão.

04. (UNIFESP) O Museu da Língua Portuguesa foi inaugurado em São Paulo, em março de 2006. Na ocasião, houve um erro num painel, conforme a imagem:



Sobre isso, Pasquale Cipro Neto escreveu:

"Na última segunda-feira, foi inaugurado o Museu da Língua Portuguesa. Na terça, a imprensa deu destaque a um erro de acentuação presente num dos painéis do museu (grafou-se 'raiz' com acento agudo no 'i')."

Vamos ao que conta (e que foi objeto das mensagens de muitos leitores): por que se acentua "raízes", mas não se acentua "raiz"?

Disponível em: <www2.uol.com.br/linguaportuguesa/artigos>.

- A) Considerando o contexto social, cultural e ideológico, por que o erro do painel teve grande repercussão?
- B) Responda à pergunta que foi enviada ao professor Pasquale por seus leitores.

05.
UQ61

É sabido que as histórias de Chico Bento são situadas no universo rural brasileiro.



Mauricio de Souza Produções Ltda.

- A) Explique o recurso utilizado para caracterizar o modo de falar das personagens na tira.
B) É possível afirmar que esse modo de falar caracterizado na tira é exclusivo do universo rural brasileiro? Justifique.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01. (UEG-GO-2017) Considere o seguinte trecho:

Os gramáticos e os sociolinguistas, cada um com seu viés, costumam dizer que o padrão linguístico é usado pelas pessoas representativas de uma sociedade. Os gramáticos dizem isso, mas acabam não analisando o padrão, nem recomendando-o de fato. Recomendam uma norma, uma norma ideal.

Sírio Possenti apresenta nesse trecho uma caracterização da atividade dos gramáticos. Para isso, o autor

- A) define a sociolinguística como uma área da linguística que visa estudar as formas linguísticas ideais e as formas linguísticas que de fato os falantes usam.
B) faz uma comparação entre a atividade proposta e a atividade efetivamente realizada, que consiste na recomendação de uma norma idealizada.
C) apresenta diversos exemplos de usos cotidianos da língua que demonstram, de forma evidente, o fato de que as línguas são inerentemente variáveis.
D) cita uma autoridade acadêmica da área dos estudos da linguagem a fim de validar as propostas teóricas e analíticas relativas à variação linguística.
E) insere um quadro de definição dos vocábulos técnicos relacionados à área de estudos sociolinguísticos a fim de facilitar a compreensão do leitor.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de 02 a 04.

Palavra e prestígio social

O vocabulário de cada cultura é bem amplo para os assuntos que lhe tocam de perto, e restrito para aqueles nos quais não tem interesse direto. Para designar a cor da neve, os esquimós têm um número elevado de vocábulos, assim como o árabe para designar tipos de camelos. As línguas realizam o recorte do mundo de maneiras diversas; daí a dificuldade na elaboração das traduções. Há nuances e escala de valores. O sentido de uma palavra vai assim depender de associações resultantes de comparações, cargas emocionais e de preconceitos da comunidade.

As impressões que uma palavra produz procedem do passado, mas podem se modificar. Curtir um couro não é o mesmo que curtir uma festa. Abertura das aulas significa início, abertura de um muro é passagem. A mesma palavra toma sentidos diferentes ao mudar o gênero, o número e o grau. O chefe do gabinete – o chefe dos mafiosos / O cobra – a cobra/ O cabra – a cabra. [...]

Na linguagem, refletem-se não apenas a maneira de pensar e a evolução dos acontecimentos, mas também os preconceitos e tabus sociais. O ato de roubar é nomeado de acordo com a posição social do sujeito que o praticou. O gerente desviou o dinheiro. O marginal assaltou o banco. A função social da linguagem é permitir a compreensão entre os membros de uma comunidade. Muitas vezes a palavra exata é constrangedora em determinado momento, usando-se então uma expressão atenuadora, o eufemismo.

A raça, o sexo, o estado natal ou a condição social, usados para designar qualidade boa ou má, revelam também preconceitos. Programa de índio é um programa desagradável [...]. Homem público é valorativo, mulher pública é depreciativo. Evidenciando a escala de valores na sociedade patriarcal, o gênero masculino sempre prevalece sobre o feminino, seja nas concordâncias nominais, seja nos verbetes do dicionário.

O prestígio da linguagem das classes sociais elevadas é enorme, pois a maneira de falar de um superior sempre nos parece invejável como símbolo de uma vida suposta como ideal. Sempre desdenhamos os hábitos linguísticos vindos do que consideramos inferior, seja região geográfica ou classe social.

No entanto, os usos procedentes do Centro-Sul, do eixo Rio-São Paulo, são logo socializadas. Seu padrão de vida é tido como invejável e imitável, além de exportado pela TV para todo o país.

CARVALHO, N. *Crônicas do cotidiano*. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/ebooks/ebook-nellycarvalho.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2015 (Adaptação).

02. (IFPE) Como ideia global do texto, a autora apresenta o ponto de vista de que:

- A) O preconceito linguístico está presente tanto na esfera social quanto regional e, até mesmo, nas diferenças de gêneros.
- B) Linguagem e cultura se relacionam profundamente, assim a língua pode representar maneiras de pensar, preconceitos e tabus sociais.
- C) A palavra representa relações de poder, pois alguns usos são mais valorizados que outros.
- D) A valorização da língua ocorre não por ela mesma, mas por outros fatores, como o prestígio regional ou social.
- E) As palavras possuem uma carga de significado que pode mudar conforme as necessidades de cada cultura, como na árabe, que nomeia e categoriza vários tipos de camelos.

03. (IFPE) Considerando os conectivos destacados no texto, assinale a única alternativa correta.

- A) A locução “assim como” (parágrafo 1) estabelece uma comparação entre a cultura esquimó e a árabe.
- B) A conjunção “mas” (parágrafo 2) estabelece uma relação de condição entre as impressões que uma palavra produz e suas possibilidades de mudança.
- C) No terceiro parágrafo, a expressão “mas também” introduz a ideia adversativa de que os preconceitos e tabus sociais são refletidos na linguagem.
- D) O uso da conjunção “pois” (parágrafo 5) nos leva a concluir que o prestígio da linguagem das classes sociais elevadas é enorme.
- E) A expressão “no entanto” (parágrafo 6) é conclusiva, por isso é bastante utilizada nos parágrafos de conclusão.

04. (IFPE) Analise o seguinte trecho:

“O vocabulário de cada cultura é bem amplo para os assuntos que lhe tocam de perto, e restrito para aqueles nos quais não tem interesse direto. Para designar a cor da neve, os esquimós têm um número elevado de vocábulos, assim como o árabe para designar tipos de camelos. As línguas realizam o recorte do mundo de maneiras diversas; daí a dificuldade na elaboração das traduções. Há nuances e escala de valores”.

Do ponto de vista da gramática normativa, analise as afirmativas a seguir e marque a única correta.

- A) No trecho “Para designar a cor da neve, os esquimós têm um número elevado de vocábulos”, a vírgula é obrigatória, pois se deve separar a oração subordinada adverbial deslocada da oração principal.
- B) No trecho “O vocabulário de cada cultura é bem amplo para os assuntos que lhe tocam de perto”, o pronome destacado é um importante conectivo e retoma o substantivo “assuntos”.
- C) Ainda no mesmo trecho “Para designar a cor da neve, os esquimós têm um número elevado de vocábulos”, o verbo destacado, conforme o acordo ortográfico de 2009, deve ser registrado da seguinte forma: “teem”.
- D) Com relação à pontuação do trecho “As línguas realizam o recorte do mundo de maneiras diversas; daí a dificuldade na elaboração das traduções”, se substituímos o ponto e vírgula (;) por reticências [...], não haverá alteração de sentido.
- E) No trecho “Há nuances e escala de valores”, se usássemos o verbo “existir” no lugar de “haver”, a concordância ficaria da seguinte forma: “Existe nuances e escala de valores”.

05.
3JX0



(IFPE–2018) Leia o texto para responder à questão.



Disponível em: <<http://www.saopauloantiga.com.br/anuncios-de-escravos/>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

Vocabulário:

Fulla (fula): etnia africana presente em países como Níger, Mali, Camarões, Senegal, Gana, Nigéria e Guiné.

O texto anterior é um anúncio publicado no ano de 1886. Nele há algumas diferenças com relação ao português atual, sendo um bom exemplo de variação histórica. Tal variação pode ser constatada, principalmente,

- A) pela forma de registrar local e data: no final do texto e não no topo ou no início dele, como nas cartas atuais.
- B) pela organização sintática, como em “quem os entregar na referida fazenda”, que antepõe o pronome ao verbo.
- C) pela grafia de algumas palavras, como “pollegar” e “annos”, o que comprova que a variação não se dá apenas na fala, mas também se reflete na escrita de uma língua.
- D) pela formalidade ao descrever os escravos com o uso de expressões como “desdentado”, “preto”, “pernas finas”, etc.
- E) pela forma de fazer referência ao mês em que os escravos fugiram: “Fugiram da fazenda da Boa Vista de Pirassununga no dia 20 do corrente...”.

06. (IFPE–2017) Leia o texto a seguir para responder à questão.

Evocação do Recife

[...]

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros

Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil

Ao passo que nós

O que fazemos

É macaquear

A sintaxe lusiáda

[...]

BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. 20. ed.

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 448 p. [Fragmento]

Devido à primazia que se tem concedido à língua padrão, muitos consideram a “língua do povo” a que se refere o poema como incorreta. Este fenômeno de atribuir menor valor a determinadas variedades da língua denomina-se

- A) variação sociocultural
- B) variação regional.
- C) bairrismo.
- D) preconceito linguístico.
- E) preconceito de classe.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões 07 e 08.

A velha contrabandista

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

– Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo e respondeu:

– É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

35

– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

– Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

– Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

– O senhor promete que não “espaia”? – quis saber a velhinha.

– Juro – respondeu o fiscal.

– É lambreta.

Stanislaw Ponte Preta

07. 160R



(UECE–2018) No texto de Stanislaw Ponte Preta, aparecem com frequência expressões da fala popular, a exemplo de “tudo malandro velho” (linha 4), “muamba” (linha 23) e “manjo...pra burro” (linhas 33-34). Sobre esta questão, leia as afirmações que seguem.

- I. Este tipo de linguagem revela, no texto, uma escrita marcada por um estilo coloquial através do uso consciente de gírias e expressões tiradas da fala informal.
- II. Expressões da fala coloquial, como as usadas no texto “A velha contrabandista”, são próprias da crônica, que é um gênero que se utiliza de alguns recursos típicos da oralidade para dar maior dinamicidade ao texto.
- III. As expressões coloquiais utilizadas no texto, na verdade, mostram uma escrita desleixada do autor que não domina o registro padrão da Língua Portuguesa.
- IV. O emprego destes coloquialismos pode contribuir para o caráter humorístico da crônica.

Está correto o que se afirma em

- A) II, III e IV apenas.
- B) I, II e IV apenas.
- C) I e III apenas.
- D) I, II, III e IV.

08. AA6L



(UECE–2018) A expressão “uai!” (linha 27) e o termo “espaia” (linha 42), extraídos da fala da velhinha, revelam uma variedade linguística do português brasileiro específica de um grupo social que pode ser identificado em

- A) falantes do sexo feminino com idade avançada que moram em metrópole.
- B) falantes estrangeiros que não dominam certas expressões e determinados sons da Língua Portuguesa.
- C) falantes escolarizados do sexo feminino que moram no interior do nosso país.
- D) falantes de dialeto caipira vindos de regiões interioranas do país para habitarem na cidade grande.

09.

Assinale a alternativa em que todas as palavras prescindem de acentuação gráfica, se forem seguidas as regras de acentuação.

- A) até, réu, êle.
- B) réu, pôde, já.
- C) prêto, aquêle, capêta.
- D) até, já, dôido.
- E) êle, só, ninguém.

SEÇÃO ENEM



01. (Enem-2018)

“Acuenda o Pajubá”: conheça o “dialeto secreto” utilizado por gays e travestis

Com origem no iorubá, linguagem foi adotada por travestis e ganhou a comunidade.

“Nhaí, amapô! Não faça a loka e pague meu acué, deixe de equê se não eu puxo teu picumã!” Entendeu as palavras dessa frase? Se sim, é porque você manja alguma coisa de pajubá, o “dialeto secreto” dos gays e travestis.

Adepto do uso das expressões, mesmo nos ambientes mais formais, um advogado afirma: “É claro que eu não vou falar durante uma audiência ou numa reunião, mas na firma, com meus colegas de trabalho, eu falo de ‘acué’ o tempo inteiro”, brinca. “A gente tem que ter cuidado de falar outras palavras porque hoje o pessoal já entende, né? Tá na internet, tem até dicionário...”, comenta.

O dicionário a que ele se refere é o *Aurélia, a dicionária da língua afiada*, lançado no ano de 2006 e escrito pelo jornalista Angelo Vip e por Fred Libi. Na obra, há mais de 1 300 verbetes revelando o significado das palavras do pajubá.

Não se sabe ao certo quando essa linguagem surgiu, mas sabe-se que há claramente uma relação entre o pajubá e a cultura africana, numa costura iniciada ainda na época do Brasil colonial.

Disponível em: <www.midiamax.com.br>. Acesso em: 04 abr. 2017 (Adaptação).

Da perspectiva do usuário, o pajubá ganha *status* de dialeto, caracterizando-se como elemento de patrimônio linguístico, especialmente por

- ter mais de mil palavras conhecidas.
- ter palavras diferentes de uma linguagem secreta.
- ser consolidado por objetos formais de registro.
- ser utilizado por advogados em situações formais.
- ser comum em conversas no ambiente de trabalho.

02. (Enem-2018)



Disponível em: <www.facebook.com/minsaude>. Acesso em: 14 fev. 2018 (Adaptação).

A utilização de determinadas variedades linguísticas em campanhas educativas tem a função de atingir o público-alvo de forma mais direta e eficaz. No caso desse texto, identifica-se essa estratégia pelo(a)

- discurso formal da Língua Portuguesa.
- registro padrão próprio da língua escrita.
- seleção lexical restrita à esfera da medicina.
- fidelidade ao jargão da linguagem publicitária.
- uso de marcas linguísticas típicas da oralidade.

03. HC15



(Enem-2017)

Sítio Gerimum

Este é o meu lugar [...]

Meu Gerimum é com g

Você pode ter estranhado

Gerimum em abundância

Aqui era plantado

E com a letra g

Meu lugar foi registrado.

OLIVEIRA, H. D. *Língua Portuguesa*, n. 88, fev. 2013. [Fragmento]

Nos versos de um menino de 12 anos, o emprego da palavra “Gerimum” grafada com a letra “g” tem por objetivo

- valorizar usos informais caracterizadores da norma nacional.
- confirmar o uso da norma-padrão em contexto da linguagem poética.
- ênfaticamente um processo recorrente na transformação da língua portuguesa.
- registrar a diversidade étnica e linguística presente no território brasileiro.
- reafirmar discursivamente a forte relação do falante com seu lugar de origem.

04. (Enem) Só há uma saída para a escola se ela quiser ser mais bem-sucedida: aceitar a mudança da língua como um fato. Isso deve significar que a escola deve aceitar qualquer forma da língua em suas atividades escritas? Não deve mais corrigir? Não!

Há outra dimensão a ser considerada: de fato, no mundo real da escrita, não existe apenas um português correto, que valeria para todas as ocasiões: o estilo dos contratos não é o mesmo do dos manuais de instrução; o dos juízes do Supremo não é o mesmo do dos cordelistas; o dos editoriais dos jornais não é o mesmo do dos cadernos de cultura dos mesmos jornais. Ou do de seus colonistas.

POSSENTI, S. Gramática na cabeça. *Língua Portuguesa*, ano 5, n. 67, maio 2011 (Adaptação).

Sírio Possenti defende a tese de que não existe um único “português correto”. Assim sendo, o domínio da Língua Portuguesa implica, entre outras coisas, saber

- descartar as marcas de informalidade do texto.
- reservar o emprego da norma-padrão aos textos de circulação ampla.
- moldar a norma-padrão do português pela linguagem do discurso jornalístico.
- adequar as formas da língua a diferentes tipos de texto e contexto.
- desprezar as formas da língua previstas pelas gramáticas e manuais divulgados pela escola.

05.

Texto I

Melhor presente no Natal

Estamos vendo, nos últimos tempos, grandes empresas entrando em falência e fechando. Pior, editoras e grandes livrarias estão fechando, um tanto em razão da crise econômica que atravessamos e outro tanto pela diversificação de tecnologias da leitura e de vendas. Vivemos uma revolução no formato do livro: *e-book* ou livro eletrônico, audiolivro. Vivemos uma revolução na maneira de vender livros: não se compra mais livros apenas nas livrarias, agora compramos livros em *sítes*, em lojas virtuais, pela internet, que entregam o livro em nossa casa. Duas das maiores redes de livrarias brasileiras pediram recuperação judicial, com dívidas em torno de um bilhão de reais. Outras redes de livrarias estão tomando o lugar delas, mas a crise é mundial. Consta-se que a dificuldade é dos vendedores de livros e não dos compradores, pois o livro continua a ser comprado, até com uma discreta melhora na quantidade. E acredito que isto realmente esteja acontecendo, pois, além do livro físico, impresso, os *e-books* e audiolivros também estão vendendo. Então, parece que o contingente de leitores não está diminuindo, o que está diminuindo é a quantidade de lojas físicas. Mas isso é uma pena, é grave. A Câmara Brasileira do Livro contabiliza cerca de 1,4 mil empresas do gênero. Não há livrarias em 73% dos municípios brasileiros, e naqueles onde existem, a maioria está localizada no eixo Rio-São Paulo. 56% das livrarias brasileiras estão concentradas nas regiões Sul e Sudeste. O Nordeste fica com 15% do total, enquanto o Norte concentra apenas 3%. Então, apesar de sermos um país onde ainda se lê pouco, o número de leitores não diminuiu, graças a Deus. Mas precisamos ler mais. [...]

CORREIO POPULAR. Disponível em: <<http://www.correiopopular.news/vermot.php?id=43998>>. Acesso em: 25 dez. 2018. [Fragmento]

Texto II

O poder do livro

[...]

Roberto abriu o livro. Começou a ler a página, o primeiro parágrafo e nas solas de seus pés sentiu um comichão. Segundo parágrafo e um calor começou a subir de seus tornozelos. Apertou o estômago, o batimento cardíaco chegou à garganta e transformou-se em admiração e em silêncio. Antes de terminar a página, viu um espírito, um dragão vermelho e preto. Um dragão enorme, que devorava as florestas da dúvida, derrubava as montanhas da presunção e arrasava os vales da mediocridade.

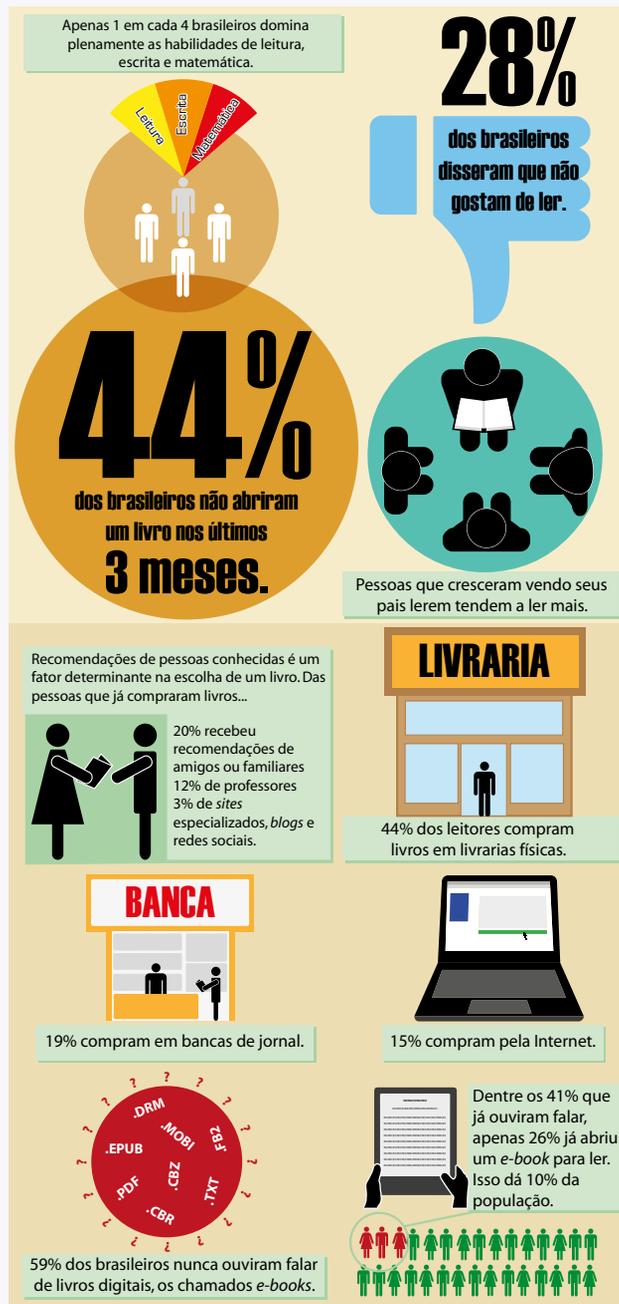
– Uma obra prima! – tentou gritar, mas não conseguiu. Sentiu um estouro na garganta... ou foi no peito? Eram cinco horas e o relógio de pêndulo começou a dar a primeira badalada.

Roberto sentiu que seu peito doía. Era uma dor dilacerante. Levou as mãos ao coração. Oh, Deus, pensou, e sentindo a morte chegar, não lamentou sua busca.

Não os anos perdidos diante da escrivinha, nem a janela fechada onde nunca entrava o vento. Não lamentou ter ficado sem amigos, em ter sido abandonado pela esposa. Não lamentou ser considerado estranho ou louco. A única coisa que lamentava era ter que partir da terra sem poder terminar de ler originais com “Alento de Fogo”. Alento de fogo, alento de fogo, repetia. Abriu novamente o livro e tentou ler... [...]

FURINI, Isabel. Disponível em: <<http://isabelfurini.blogspot.com/>>. Acesso em: 26 dez. 2018. [Fragmento]

Texto III



Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/atuacao/28-projetos/pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil/8042-downloads-4eprlb>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da Língua Portuguesa sobre o tema “Consequências da falência de livrarias físicas no Brasil”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

01.

- A) Considerando que a fala de Tonho fosse proferida em situação que exigisse o uso do português padrão, seriam necessárias adequações, tais como: “Não é medo, mas a possibilidade de evitar encrenca (conflito, confusão). Falo com o Negrão e resolvo o problema (mal-entendido / encontro uma solução). Se eu fizer uma besteira qualquer, minha mãe quem sofrerá. Ela já chorou muito no dia em que saí de casa”.
- B) A fala de Tonho seria: “Tonho respondeu que bem que queria ficar, mas sua cidade não tinha emprego. Quem quisesse ser alguma coisa na vida, teria que sair de lá. Fora o que fizera. Quando acabou o exército foi para lá. Seu pai não poderia ajudá-lo”.

02.

- A) A guerra colonial foi capaz de unir diversos grupos angolanos com visões políticas diferentes em busca do objetivo comum da independência do país.
- B) Os conflitos mencionados pelo comandante estão associados à questão do tribalismo. Existiam no território angolano diversas tribos que foram subjugadas e forçadas a se unir em um único país devido à colonização portuguesa. O tribalismo se reflete na narrativa por meio da polifonia, que permite perceber e explorar os diferentes pontos de vista dentro dessa sociedade.

03.

- A) Apesar de não ser prescritiva como a gramática normativa, a língua falada possui convenções próprias, que permite que os falantes de um mesmo idioma se comuniquem, por reconhecerem os padrões produzidos pelas convenções. Considera-se, então, que a língua falada possui regras próprias, diferentes daquelas consideradas pela norma-padrão.
- B) Para substituí-las por equivalentes formais, seria preciso usar “intrometer-se” no lugar de “meter o bico” e “cabisbaixa” no lugar de “de orelhas murchas”, caso queira-se manter o uso de uma metáfora para “chateada”, “entristecida”, “envergonhada”.

04.

- A) O erro de acentuação alcançou grande repercussão pelo de ter sido veiculado por um museu da língua portuguesa, que deveria ter mais cuidado com as normas ortográficas.
- B) A palavra “raiz” não deve ser acentuada por ser uma oxítona terminada em Z. Já no caso de raízes, deve haver o acento pela presença de um “i” tônico, formando hiato sozinho na última sílaba -ízes.

05.

- A) O recurso utilizado na tira é a reprodução da fala de pessoas do interior no registro escrito, objetivando aproximar o leitor da variação linguística utilizada pelas personagens, criando o efeito de discurso falado, mais natural e que confere maior verossimilhança à conversa das personagens.
- B) Embora seja característico de regiões interioranas e, muitas vezes, chamado de “falar caipira”, não é possível afirmar que essa variante linguística pertence apenas ao universo rural. Vê-se, devido ao movimento de migração dessas pessoas para o meio urbano que, ainda que se trate de um sotaque, de uma variação regional, ela se expande a outros locais, uma vez que as pessoas transitam por esses meios. Além disso, outras variantes podem ter traços semelhantes aos apresentados na tira, não sendo necessariamente relacionados a moradores do interior.

Propostas

Acertei _____ Errei _____

- | | |
|-----------------------------|-----------------------------|
| <input type="radio"/> 01. B | <input type="radio"/> 06. D |
| <input type="radio"/> 02. B | <input type="radio"/> 07. B |
| <input type="radio"/> 03. A | <input type="radio"/> 08. D |
| <input type="radio"/> 04. A | <input type="radio"/> 09. C |
| <input type="radio"/> 05. C | |

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. C
- 02. E
- 03. E
- 04. D
- 05. Nessa proposta, deve-se redigir um texto dissertativo-argumentativo em que se discorra sobre o tema: “Consequências da falência de livrarias físicas no Brasil”. Na argumentação desenvolvida, deve-se trazer dados e referências colhidos da observação da realidade, do modo como a sociedade será afetada a partir da falência de livrarias físicas no Brasil. Com a concorrência de venda de livros pela Internet, deve-se compreender que isso afeta não só diretamente as livrarias físicas, mas a população como um todo, já que nem todas as regiões do Brasil possuem acesso à Internet. Esse fato prejudica o acesso ao conhecimento e à cultura de maneira igualitária. Primeiramente, deve-se observar um aumento no desemprego no setor em relação aos funcionários em cada livraria – caixas, vendedores, estoquistas. Em segundo lugar, uma questão prática: se nem todos possuem acesso à Internet, menos ainda terão acesso aos livros, caso estes sejam vendidos apenas pela tendência de e-commerce.



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %